

A TEORIA DA ATIVIDADE E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SERVIÇO SOCIAL

Marcia Josefina Beffa (UNESPAR) - mjbeffa@uol.com.br

Resumo:

Este estudo visa compreender, sob a luz da Teoria da Atividade (Engeström, 1987), os elementos do sistema de atividade que envolvem a formação do assistente social a partir da experiência no campo de estágio. São apresentados, resumidamente, os dados levantados acerca da experiência no campo de estágio, a partir da produção de sentidos dos estagiários. Tais sentidos revelam dificuldades no processo de formação do Assistente Social ocasionados pela existência insatisfatória da relação teoria-prática e pela falta de integração nas ações dos participantes (estagiários, supervisor de campo e de ensino) no desenvolvimento das atividades. É necessário que novas relações se estabeleçam no processo ensino-aprendizagem do Assistente Social a fim de que possam ter oportunidade de refletir sobre o como deve ser o “agir” profissional no futuro considerando a capacitação estabelecidas pelas diretrizes da profissão nas dimensões técnica, política e ética. Isto posto, sugere-se que a partir da análise dos elementos que compõem o sistema de atividade do estágio supervisionado (objeto, sujeitos, artefatos mediadores, ferramentas e signos, regras, divisão de trabalho e comunidade), seja possível propor uma intervenção baseada na Teoria da Aprendizagem Expansiva (Engeström, 1987), visando à apreensão dos processos de formação do Assistente Social e de sua identidade profissional.

Palavras-chave: *Estágio Serviço Social, Teoria da Atividade, Teoria da Aprendizagem Expansiva*

Área temática: *GT-03 Análise Reflexiva da Prática nas Organizações: Contemplando Diferentes Áreas do Conhecimento*

A TEORIA DA ATIVIDADE E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SERVIÇO SOCIAL

Marcia Josefina Beffa, UNESPAR-PR, mjbeffa@uol.com.br

RESUMO

Este estudo visa compreender, sob a luz da Teoria da Atividade (Engeström, 1987), os elementos do sistema de atividade que envolvem a formação do assistente social a partir da experiência no campo de estágio. São apresentados, resumidamente, os dados levantados acerca da experiência no campo de estágio, a partir da produção de sentidos dos estagiários. Tais sentidos revelam dificuldades no processo de formação do Assistente Social ocasionados pela existência insatisfatória da relação teoria-prática e pela falta de integração nas ações dos participantes (estagiários, supervisor de campo e de ensino) no desenvolvimento das atividades. É necessário que novas relações se estabeleçam no processo ensino-aprendizagem do Assistente Social a fim de que possam ter oportunidade de refletir sobre o como deve ser o “agir” profissional no futuro considerando a capacitação estabelecidas pelas diretrizes da profissão nas dimensões técnica, política e ética. Isto posto, sugere-se que a partir da análise dos elementos que compõem o sistema de atividade do estágio supervisionado (objeto, sujeitos, artefatos mediadores, ferramentas e signos, regras, divisão de trabalho e comunidade), seja possível propor uma intervenção baseada na Teoria da Aprendizagem Expansiva (Engeström, 1987), visando à apreensão dos processos de formação do Assistente Social e de sua identidade profissional.

Palavras Chave: Estágio, Serviço Social, Teoria da Atividade, Teoria da Aprendizagem Expansiva

Introdução

Conforme trabalho apresentado por Beffa, Gomes e Chipil (2015), no III Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, a formação do Assistente Social na UNESPAR campus de Apucarana (PR) foi analisada a partir da experiência no estágio supervisionado o que resultou no apontamento de contribuições dessa prática na construção da identidade profissional.

O estágio supervisionado se constitui de um processo que articula ensino, pesquisa e extensão visando à formação integral de todo profissional. A experiência no estágio é um processo de aprendizado de competências próprias da atividade profissional e de contextualização curricular, tendo como meta o desenvolvimento do graduando para a vida cidadã e para o trabalho.

O curso de Serviço Social objetiva a formação da capacidade crítica, interventiva, propositiva e investigativa do estudante, a fim de que possam apreender os elementos concretos

que constituem a realidade social capitalista e suas contradições, possibilitando intervir nas diferentes expressões da questão social. Neste processo, é construída também a identidade profissional do Assistente Social, reflexo do processo de vinculação do ser humano a uma atividade laborativa, o contexto, as características dessa atividade e das relações que se estabelecem neste contexto.

Participaram deste estudo quatro graduandos de Serviço Social. Os dados coletados, a partir de entrevistas, foram analisados pela metodologia da Produção de Sentidos, concebida como prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso (SPINK, 1999). Esta metodologia foi escolhida considerando-se que os sentidos são uma construção social interativa que propicia a construção das pessoas, dos termos. Defendemos que, é a partir desta construção social interativa que os participantes desta pesquisa vivenciaram no campo de estágio, que eles passaram a compreender e lidar com os fenômenos que os rodeiam.

O estágio supervisionado se caracteriza por ser obrigatório no terceiro e quarto ano do curso de Serviço Social. Ao supervisor de campo cabe o papel de transmitir ao estagiário o conhecimento da prática profissional e, ao supervisor de ensino, saber articular o conhecimento teórico à prática profissional. O acadêmico é quem deve buscar o campo de estágio e, nem sempre, consegue a área que deseja ou com a qual se identifique. A instituição receptora, por outro lado, deve oferecer estrutura e demonstrar comprometimento para o desenvolvimento do estágio. Deve portanto, haver, uma articulação entre o supervisor de campo e o supervisor de ensino.

Os resultados da análise quanto os dados levantados acerca da experiência no campo de estágio, a partir da produção de sentidos dos estagiários revelaram a construção de sentidos de formação, relação teoria prática e ética na formação profissional.

Quanto aos sentidos de formação, a experiência vivenciada no campo de estágio se caracteriza por um modo empírico para a vida acadêmica e a possibilidade de ter uma visão ampla de como se constitui a política de assistência social. Atuar em diversas áreas, desde a gestão até a atuação em centros de referência de assistência social, contribui para bem atuar como profissional, mas caracteriza-se como uma dificuldade, devido à falta de vagas nos diversos campos de atuação e impossibilitando a aprendizagem, como também às condições de trabalho precárias, o que influencia muito no atendimento final do usuário. Segundo os participantes, é no contato com a realidade profissional (estágio) que ocorre uma reflexão na busca do sentido da realidade, e de clareza do compromisso do Serviço Social com os usuários.

O estágio possibilita conhecer os limites da instituição e compreender as relações de poder que se estabelecem. Além disto, propicia a construção de estratégias inerentes à atuação profissional.

Ainda quanto à análise dos sentidos de formação foi possível perceber que o estagiário realiza poucas atividades relacionadas à Assistência Social sendo que, muitas vezes, tais atividades estão voltadas aos interesses das instituições. Esta constatação sinaliza para uma precarização do trabalho do Assistente Social, uma vez que tais atividades não contribuem para formação profissional do aluno.

Quanto à relação teoria-prática, a análise dos sentidos indicaram que a relação ocorre nos aspectos que vinculam as questões legais, princípios e diretrizes que direcionam a política de Assistência Social. No entanto, evidenciou-se dificuldades na prática profissional relacionada ao que se estuda na teoria nos bancos escolares e a prática profissional. Esta desvinculação da teoria-prática impede a compreensão da dinâmica da realidade da Assistência Social assim como inviabiliza que ocorram mudanças para uma prática profissional eficaz. Também a articulação entre os supervisor de campo e de ensino surgem como um dos dificultadores na integração teoria-prática.

As deficiências no processo de supervisão, geradas por falha na capacitação de gestores no campo de estágio revelado pelos sentidos construídos pelas estagiárias, pode levar a uma desresponsabilização das equipes técnicas, que não têm direcionamento na atuação, levando a uma ação, muitas vezes, sem reflexão e descompromissada. Esta postura das equipes técnicas pode contribuir para uma imagem negativa do profissional, e no caso da Assistência Social, do servidor público.

Quanto à atuação dos supervisores de campo, os sentidos revelaram que estes constroem uma prática não alinhada às dinâmicas de trabalho da contemporaneidade, especialização e atualização constante no encaminhamento de diferentes situações e capacidade de análise para decodificar a realidade social. Parece que os supervisores de campo estão submetidos a um processo de naturalização diante do cotidiano de atuação nas áreas de atuação do Serviço Social, o que serve apenas a uma reprodução das relações de dominação existente, impossibilitando processos de mudança efetiva da realidade.

Os estagiários revelaram também dificuldades em atuar como Assistente Social comprometido com os princípios éticos, o que demandaria “jogo de cintura” e capacidade de analisar a realidade, os limites e as possibilidades. Estas dificuldades seriam superadas com o fazer profissional, ao se trabalhar em favor do usuário, em favor do acesso aos benefícios e

direitos, enfim, ao atuar profissionalmente alinhado à diretrizes do código de ética do Assistente Social.

Os estagiários também construíram sentidos referentes à responsabilidade pessoal quanto à formação e atuação ética e profissional. Isto pode ser observado quando eles mesmos afirmam que o papel do estagiário é o de apropriar-se dos conhecimentos disponíveis no campo do estágio e estar preparado para ler criticamente a realidade. Porém, estes mesmos estagiários revelaram dificuldades nesse processo, devido a uma falta de sincronismo entre o que é ensinado e a prática do estágio.

A experiência no campo de estágio revelou ainda sentidos de possibilidade de ser capaz de elaborar alternativas de ação para o futuro, mesmo diante das dificuldades inerentes à atuação. O contato com o campo de estágio, com os supervisores, com a realidade institucional gerou possibilidades aos participantes de apropriar-se do significado social da profissão e da construção da sua identidade profissional - fundamental no processo de formação do Assistente Social.

Os estagiários tiveram a oportunidade de refletir sobre como deve ser o “agir” profissional no futuro enfatizando pelo menos três aspectos, quais sejam: i) a necessidade de capacitação constante, seguindo as diretrizes da profissão tanto na dimensão técnica, política e ética; ii) a importância da teoria estar aliada a prática profissional; iii) a importância do comprometimento tanto do aluno estagiário, quanto do profissional que o supervisiona.

Os dados levantados a partir da fala dos participantes evidenciam, conforme Engeström (1987 apud VIRKKUNEN, J.; NEWNHAM, 2015), a geração de um conhecimento de possibilidade dinâmica, “que viabiliza intuições acerca daquilo que pode ser possível em uma atividade humana e de quais direções alternativas de desenvolvimento e mudança estão disponíveis”.

Para a Teoria da Aprendizagem Expansiva de Engeström (1987 apud VIRKKUNEN; NEWNHAM, 2015), a construção da identidade profissional se caracteriza como um processo de aprendizagem que tem início com a compreensão da manifestação de problemas existentes, percorre um processo de análise das contradições que dão origem aos distúrbios e, progressivamente, os participantes avançam em busca de soluções para reprojeter a atividade futura de modo a equacionar as contradições encontradas.

Evidenciou-se, a partir deste estudo, a necessidade de um aprofundamento do conhecimento e reconhecimento acerca da função do estágio no sentido de que este tem de propiciar uma futura prática profissional não imediatista e impregnada de teoria, baseada em

princípios éticos e, cumprindo a função de instância de formação profissional do Assistente Social.

Assim, o presente estudo objetiva compreender, sob a luz da Teoria da Atividade (ENGESTRÖM, 1987), os elementos do sistema de atividade que envolvem a formação do assistente social a partir da experiência no campo de estágio, e propor, neste sistema de atividade, transformações expansivas nas atividades que envolvem o estágio em Serviço Social.

2 O Estágio Supervisionado sob a Perspectiva da Teoria da Atividade: possibilidade de mudanças a partir da Teoria da Aprendizagem Expansiva

A Teoria da Atividade é um suporte filosófico sócio-histórico e sociocultural com raízes na filosofia alemã do século XIX com Kant e Heegel e no materialismo dialético de Marx e Engels. Engeström realizou a análise das duas gerações da Teoria da Atividade, a de Vigotsky e a de Leontiev. Através da Teoria da Atividade pode-se estudar diferentes formas das práticas humanas – as atividades – como processo de desenvolvimento (ENGESTRÖM, 1987).

Esta foi uma nova maneira de entender a psicologia que prevalecia nos anos vinte, uma psicologia estritamente descritiva e individual, em um contexto científico voltado para o pragmatismo, a técnica e o rigor. Era necessário buscar novas formas de compreender como se estabelece a relação entre o homem e o social e como o social participa, constrói o ser humano. Por isso, a análise da atividade humana, das práticas humanas como processos de desenvolvimento, interligando o individual e o social se tornaram fundamental para compreensão do fazer humano, da consciência, do pensamento e da ação voltada para a mudança.

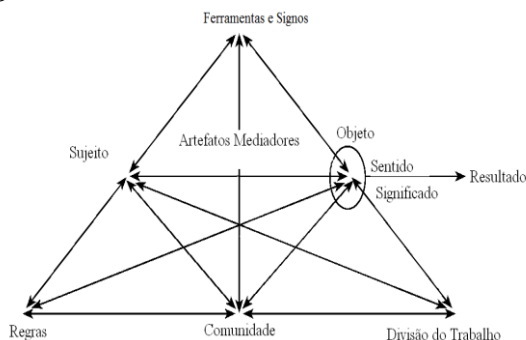
A Teoria da Atividade supõe que a aprendizagem emerge da atividade dentro de um contexto. O conhecimento é construído baseado na intencionalidade, na história, na cultura, e na mediação das ferramentas usadas no processo. A consciência é o resultado de uma prática diária, um processo consciente de dar sentido às coisas a partir da atividade ou da reflexão pessoal sobre a atividade (HEEMANN, 2005).

Os componentes de qualquer atividade podem ser organizados dentro de um modelo de Sistema de Atividade, o qual incorpora a unidade para compreensão das ações humanas (ENGESTRÖM, 1987). A produção de qualquer atividade envolve sujeitos, objeto, ferramentas, regras, comunidade e divisão do trabalho. O sujeito utiliza-se de artefatos culturais na transformação do objeto, mediados por elementos sociais, regras, divisão do trabalho e

comunidade. Desta forma, a Teoria da Atividade altera o foco para as inter-relações complexas entre o sujeito individual e sua comunidade.

Cassandre, Querol e Senger (2014) a partir de Engeström e Blacker (2005) definem os elementos do modelo do Sistema de Atividade: sujeitos, objeto, ferramentas, comunidade, divisão do trabalho, regras, conforme indicado na Figura 1.

Figura 1: O modelo do Sistema de Atividade.



Fonte: Engeström (1987)

Os sujeitos do modelo representam tanto a natureza individual quanto coletiva da atividade humana, indivíduo e subgrupo de pessoas, mediado pelo uso de ferramentas em um contexto social satisfazer objetivos desejados. O objeto é compreendido como o significado, o motivo e a finalidade de um sistema de atividade coletiva.

O objeto é considerado como matéria-prima para os sujeitos envolvidos em uma atividade, estando aberto a inúmeras e parciais interpretações. Essa matéria-prima, que contém um determinado conflito ou problema a ser resolvido, é vista como decorrente de constantes interpretações, reconstruções e modificações impelidas pela ação dos sujeitos, interessando revelar, portanto, o caráter contraditório e historicamente mutável dos sistemas envolvidos na produção da atividade.

As ferramentas refletem o aspecto mediacional da atividade humana e envolvem todos os instrumentos mediadores da ação dos sujeitos de forma física ou simbólica, externas e internas.

A comunidade situa a atividade em estudo dentro do contexto sociocultural daqueles sujeitos que compartilham o mesmo objeto da atividade. O relacionamento entre os sujeitos e a comunidade é mediado por regras.

A divisão de trabalho refere-se à distribuição de responsabilidades e à variação de papéis entre os envolvidos na execução de uma atividade dentro de uma comunidade. É a divisão de tarefas entre os sujeitos, as relações hierárquicas existentes, os arrolamentos de poder e

submissão pertinentes ao grupo, além dos conflitos, manifestações de resistência, de status e outros que medeia o relacionamento entre a comunidade e o objeto, buscando transformar este objeto em resultado.

As regras referem-se aos regulamentos, às normas, práticas de trabalho e às convenções relacionadas ao contexto da atividade que se apresentem de forma implícita (costumes) ou explícita (leis e normas), como também as relações sociais dentro da comunidade (relações de amizade e poder).

Assim, a Teoria da Atividade requer que a atividade seja analisada dentro do contexto de desenvolvimento. Os elementos de uma atividade se transformam ao longo de seu desenvolvimento, pois uma atividade é um fenômeno dinâmico construído historicamente.

Com a finalidade de compreender como é possível transformar a teoria em prática, sugere-se considerar cinco princípios da Teoria da Atividade, conforme proposto por Engeström (1987): i) sistema de atividade coletivo como unidade primária de análise, ações individuais e grupais dirigidas a metas, relativamente independentes, mediado por artefatos e orientado a um objeto, visto em relação à uma rede de outros sistemas de atividade; b) multivocalidade dos sistemas de atividade - um sistema de atividade apresenta uma multiplicidade de pontos de vista, tradições e interesses da comunidade do sistema. Pela divisão de trabalho, posições e pontos de vista diferentes são atribuídos aos diferentes participantes que, por sua vez, já carregam suas próprias histórias. A multivocalidade se multiplica quando se consideram redes de sistemas de atividade que interagem entre si; c) historicidade - os sistemas de atividade assumem forma e são transformados em longos períodos de tempo. Seus problemas e potenciais só podem ser compreendidos com base em sua própria história; d) contradições como fontes de mudança e desenvolvimento - as contradições são tensões estruturais historicamente cumulativas nos sistemas de atividades e entre eles, que geram perturbações e conflitos, mas também renovam tentativas de mudar a atividade; e) possibilidade de transformações expansivas em sistemas de atividades - uma transformação expansiva ocorre quando, em decorrência de contradições, o objeto e o motivo da atividade são reconceituados para abraçar um horizonte de possibilidades radicalmente mais amplo do que no modo anterior da atividade.

A Teoria da Atividade de Engeström (1987) tem como foco o estabelecimento de redes de sistemas de atividades. Ao tentar delimitar um sistema de atividade, percebe-se que os diferentes elementos interagem com um ou vários sistemas de atividades, formando uma rede de sistemas. Dois sistemas de atividades podem compartilhar o objeto, que poderia não ser exatamente o mesmo objeto na perspectiva dos sujeitos de cada sistema.

Segundo Engeström e Sannino, (2010 apud CASSANDRE, 2015), o objeto de uma atividade é sempre internamente contraditória. São essas contradições internas que fazem o objeto um movimento, contribuindo para o surgimento do motivo e da meta futura das pessoas e das organizações. As contradições são a força motriz da transformação. O desenvolvimento de um Sistema de Atividade requer articulação e envolvimento prático com contradições internas do Sistema de Atividade.

Para todos os envolvidos na formação de um profissional, é um desafio implementar ações que transformem uma atividade, um sistema de atividade. Isto não é diferente na formação do Assistente Social, principalmente no que se refere ao estágio supervisionado em Serviço Social.

O estágio supervisionado em Serviço Social, sob a luz da Teoria da Atividade, pode ser considerado uma unidade primária de análise – um sistema de atividade - que deve ser analisado dentro do contexto de desenvolvimento. Os elementos de uma atividade se transformam ao longo de seu desenvolvimento, pois uma atividade é um fenômeno dinâmico construído historicamente. O estágio supervisionado caracteriza-se como o *objeto*, que distingue as atividades uma das outras. Toda atividade é orientada a objetos, ou seja, o objeto incorpora o motivo da atividade.

Quanto à *historicidade*, os sistemas de atividade assumem forma e são transformados em longos períodos de tempo. Tanto os problemas quanto os potenciais para mudança só podem ser compreendidos com base em sua própria história. O estágio supervisionado em Serviço Social se constitui num instrumento fundamental para a formação da capacidade crítica, interventiva, propositiva e investigativa do estudante, que precisa apreender os elementos concretos que constituem a realidade social capitalista e suas contradições, de modo a intervir, posteriormente enquanto profissional, nas diferentes expressões da questão social. Considerando estes fatos, a análise histórica e dos elementos em transformação ao longo do tempo, se caracteriza como aspecto importante de análise no sistema de atividade que envolve o estágio supervisionado.

A *multivocalidade* se multiplica quando se consideram redes de sistemas de atividade que interagem entre si e a necessidade de compreensão da perspectiva de todos os envolvidos que compartilham o mesmo *objeto*, desde a organização formadora (coordenador de ensino, de curso, supervisor de ensino) à organização receptora, (coordenador de assistência social e supervisor de estágio, as tradições e interesses da comunidade que envolvem os Conselhos Federal, Regional, Sindicatos). Além disto, é necessário, também, considerar, nestas redes de sistemas de atividade, uma análise da divisão de trabalho (divisão hierárquica), posições e

pontos de vista diferentes atribuídos aos diferentes participantes que carregam suas próprias histórias, e as regras que são criadas dividindo responsabilidades entre os membros da comunidade.

A mediação de toda atividade ocorre por intermédio dos *artefatos*, sejam eles materiais ou imaginários. Os artefatos se referem aos procedimentos, normas, leis, regras, práticas aceitáveis, princípios éticos definidas pela comunidade. Pode-se indicar, neste nível de análise, aspectos relacionados à herança sócio-histórica de surgimento do curso de Serviço Social e a efetivação dos objetivos do estágio como instrumento fundamental na formação da análise crítica e da capacidade interventiva, propositiva e investigativa do(a) estudante, que necessita apreender os elementos concretos que constituem a realidade social capitalista e suas contradições, de modo a intervir, posteriormente como profissional, nas diferentes expressões da questão social.

Neste sentido, considera-se importante representar a Comunidade participante do sistema de atividade – estágio supervisionado em Serviço Social. A Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) é responsável por traçar a Política Nacional de Estágio na área do Serviço Social, em consonância com as exigências teórico metodológicas das Diretrizes Curriculares do curso de Serviço Social articulado ao Projeto Político Pedagógico do curso e às normativas da IES (Instituição de Ensino Superior). Os Conselhos Federal e Regionais de Serviço Social regulamentam e fiscalizam as ações dos profissionais em Serviço Social e dos usuários.

O Conselho Federal de Serviço Social estabelece as leis e diretrizes com orientação na formação prática no campo de estágio. Estas mesmas leis estabelecem ainda que a instituição do campo de estágio deverá assegurar espaço físico adequado, sigilo profissional, equipamentos necessários, disponibilidade do/a supervisor/a de campo para acompanhamento presencial da atividade de aprendizagem, dentre outros requisitos básicos, nos termos da Resolução nº 493/2006, que dispõe sobre as “condições éticas e técnicas do exercício profissional do/a assistente social” (CFESS, 2014).

Na Instituição de Ensino superior (IES), coordenadores e supervisores de ensino, a partir das diretrizes nacionais e regionais, regras e normas, definem os procedimentos para realização do estágio, considerando o entorno social. O estágio supervisionado é regido também pelas leis que constituem a Política Nacional de Assistência Social bem como a respectiva aplicação prática, visando ao atendimento integral do usuário.

Pesquisas têm sido desenvolvidas com a metodologia do Laboratório de Mudança, baseado em estudos de intervenções formativas e considera-se que possam ser uma boa

alternativa na direção de uma prática transformativa, no que se refere à formação do Assistente Social.

A Teoria da Aprendizagem Expansiva postula uma nova abordagem de aprendizagem. Ao contrário de conceber a aquisição do conhecimento e habilidades e correspondente mudança relativamente duradoura no comportamento e observável, nesta nova perspectiva, o conhecimento não é estável e se redefine constantemente, as pessoas e as organizações estão sempre aprendendo algo. No novo contexto de nossas vidas pessoais e práticas (organizacionais), devemos aprender novas formas de atividade que ainda não existem, e que são aprendidas enquanto estão sendo criadas (ENGESTRÖM, 1987).

Essa é a proposta do Laboratório de Mudança (LM), uma ferramenta teórico-metodológica baseada na Teoria da Aprendizagem Expansiva (ENGESTRÖM, 1987). Segundo Cassandre, Querol e Senger (2014), o LM é a aplicação de uma metodologia formativa com vistas à construção colaborativa de transformações radicais em sistemas de atividade. É um processo de construção, a partir do diálogo de uma ideia compartilhada do objeto de intervenção, num processo de negociação de todos os envolvidos pela atividade para concretização de uma intervenção, uma mudança.

No LM é possível verificar os efeitos finais da aprendizagem sem predeterminação pelos interventores ou pesquisadores. Os resultados são planejados pelos participantes à medida que buscam soluções expansivas para as contradições de desenvolvimento em seus sistemas de atividade. A aprendizagem expansiva perpassa os domínios do aprendizado individual e do aprendizado organizacional, que frequentemente estão separados. Os resultados da aprendizagem não são redutíveis a mudanças na cognição e no comportamento dos participantes em esforços de aprendizagem expansiva; eles são, sobretudo, mudanças materiais consequentes nos objetos, nos instrumentos, nas regras e nas divisões do trabalho no âmbito de atividades coletivas envolvidas na aprendizagem expansiva e entre elas, em conjunção com novas formas de agência transformadora coletiva e individual (VIRKKUNEN, 2006 apud VIRKKUNEN; NEWNHAM, 2015).

A experiência no campo de estágio parece ter gerado um conhecimento de possibilidade ao estagiário no que concerne a experienciar o campo de estágio com dificuldades inerentes à atuação, mas, mesmo nesta condição, ser capaz de elaborar alternativas de ação para o futuro alinhadas à concepção de geração de conhecimento de possibilidade dinâmica, conforme Engeström (1987 apud VIRKKUNEN, J.; NEWNHAM 2015) discorre, conhecimento “que viabiliza intuições acerca daquilo que pode ser possível em uma atividade humana e de quais direções alternativas de desenvolvimento e mudança estão disponíveis”.

Neste sentido, Engeström (1987) afirma:

... as possibilidades não nos são dadas; elas são criadas e articuladas por aqueles cujas vidas estão em jogo. O conhecimento de possibilidade é gerado colocando a atividade e os seus sujeitos em movimento, em alguma forma de 'viagem no tempo' concentrada que explore o passado, o presente e o futuro em suas relações mútuas (apud VIRKKUNEN, J.; NEWNHAM, 2015, Prefácio).

A construção da identidade profissional caracteriza-se como um processo de aprendizagem, tem início com a compreensão da manifestação de problemas existentes, percorre um processo de análise das contradições que dão origem aos distúrbios, e progressivamente os participantes avançam em busca de soluções para reprojeter a atividade futura de modo a equacionar as contradições encontradas.

O Laboratório de Mudança, ao propor uma análise do sistema de atividade referente ao estágio supervisionado em Serviço Social, visa proporcionar o surgimento de contradições como fontes de mudança e desenvolvimento. As tensões historicamente acumulados dentro e entre sistemas de atividade, também chamada de contradições, se caracterizam como fontes de mudanças e desenvolvimento, gerando perturbações e conflitos que necessitam ser apresentados e discutidos pelos participantes da atividade, visando mudar a atividade e ocorrência de transformações expansivas nos sistemas de atividade (VIRKKUNEN, J.; NEWNHAM 2015).

Considerando um plano de intervenção, todos os envolvidos no processo de formação do acadêmico no campo de estágio – desde os supervisores, coordenadores de estágio, de ensino, os estagiários, conselhos devem se reunir e propor a partir deles, por meio das próprias ferramentas e entendimento acerca das dificuldades, perturbações e conflitos. Também deve se considerar os questionamentos acerca das regras, normas e procedimentos envolvidos na formação, por meio da história de sua organização local e por meio da história mais global dos regulamentos, leis, regras e procedimentos utilizados e acumulados na atividade local, um sinal de agravamento das contradições dos sistemas de atividades.

Essa é a possibilidade de transformações expansivas em sistemas de atividades: uma transformação expansiva ocorre quando, em decorrência de contradições, o objeto (estágio) e o motivo da atividade (melhoria de formação profissional e construção identidade profissional sólida, baseada em princípios éticos e legais, buscando desenvolver o estagiário para uma vida cidadã e para o trabalho) atinja os objetivos de trabalhar a questão social, qual seja: reconceituar a atividade para abraçar um horizonte de possibilidades radicalmente mais amplo do que no modo anterior da atividade.

Para Engeström (1987), uma transformação expansiva ocorre quando o objeto e o motivo da atividade são reconceituados, proporcionando possibilidades que no modo anterior da atividade não existiam nem ocorriam. Um processo gerado coletivamente na construção “historicamente nova da atividade social” como solução para as contradições ocorridas na interação entre eles, e que é potencialmente incorporado nas ações cotidianas.

Considerações Finais

Evidencia-se que novas práticas na formação do profissional de Serviço Social são prementes, seja no ensino teórico e prático, objetivando melhorar a forma de agir desses profissionais, seja no processo de empoderamento do trabalhador, a fim de que mudanças efetivas cumpram o papel diante da Questão Social.

O presente trabalho será apresentado à coordenação do curso de Serviço Social da Unespar-Apucarana (PR), em reunião programada para o 2º. Semestre de 2016, no intuito de que se efetive um planejamento de intervenção na perspectiva de iniciar o diálogo entre coordenadores de ensino representantes da instituição de ensino, coordenador de estágio, supervisores de ensino, supervisores de campo, e a comunidade representada pelo conselhos federal e estadual de Serviço Social, sindicatos e unidades receptoras dos estagiários. A estratégia visa a oportunizar que a partir dos sujeitos e das próprias ferramentas e entendimentos acerca do estágio supervisionado, propostas de mudanças ocorram no sistema de atividade do estágio supervisionado em Serviço Social e melhorias se efetivem na formação profissional para que este profissional possa bem atuar na sociedade.

Referências

BEFFA, M. J.; GOMES, T. Z.; CHIPIL, S. A. O. A construção da identidade do Assistente Social a partir da experiência do estágio supervisionado. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2015, Vitória-ES. Anais, 2015, v.1.

CASSANDRE, M. P.; QUEROL, M. A. P.; SENGER, C. M. Preparando uma intervenção do Laboratório de Mudança: a gestão de resíduos sólidos de um hospital universitário. II CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2014, Vitória-ES. Anais, 2014, v.1.

CASSANDRE, M. P.; SENGER, C. M.; QUEROL, M. A. P. Contribuições da Teoria da Atividade para analisar distúrbios em organizações: o caso da gestão de resíduos sólidos em um hospital universitário. IN: III CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 2015, Vitória-ES. Anais, 2015, v.1.

CFESS. Conselho Federal de Serviço Social. **Legislação**. Disponível: <http://www.cfess.org.br/visualizar/menu/local/regulamentacao-da-profissao>. Acesso: jul/14.

ENGSTRÖM, Yrjö. Aprendizagem expansiva no trabalho: em direção a uma reconceitualização da Teoria da Atividade. **Journal of Education and Work**, Vol. 14, No. 1, 2001, p. 133 – 156. Traduzido do original por André Machado Rodrigues, Fernando Cunha, Marcio Pascoal Cassandre, Marco Antonio Pereira Querol e Monica Lemos.

HEEMANN, C. A Teoria da Atividade e a Aprendizagem no Local de Trabalho. In: IV SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE LINGUAGEM E ENSINO (SENALE), 2005, Pelotas. Caderno de Resumos do IV SENALE, 2005.

SPINK, M. J. (org.) **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

VIRKKUNEN, J.; NEWNHAM, S. S. **O Laboratório de Mudança**: uma ferramenta de desenvolvimento para aprendizagem expansiva. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2005. Série Trabalho e Educação.